

III CONCED

III Congresso Nacional
de Ciência e Educação



Razão
e Emoção

Pela linguagem dos afetos e sensibilização dos conhecimentos

ANAI S

12 - 16 SET 2022



FACULDADE
CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO NORTE

III CONCONCED

ANAIS

III CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

RAZÃO E EMOÇÃO

Pela linguagem dos afetos e sensibilização dos conhecimentos



**FACULDADE
CATÓLICA**
DO RIO GRANDE DO NORTE



FACULDADE
CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO NORTE

12 - 16 SET 2022

III Congresso Nacional
de Ciência e Educação



Editora Chefe: Karidja Kalliany Carlos de Freitas Moura
Projeto Gráfico/ Designer: Antônio Laurindo de Holanda Paiva Filho e Edvaldo Rodrigues Júnior
Diagramação e Editoração: Luciana Fernandes Queiroz Amorim, Marina Evelyn da Costa Soares e Nayla de Freitas Fernandes
Publicação: Faculdade Católica do Rio Grande do Norte.
FCRN, Faculdade Católica do Rio Grande do Norte
Praça Dom João Costa, 511 - Bairro Santo Antônio.
Mossoró/RN | CEP 59.611-120
(84) 3318-7648
E-mail: extencao@catolicadorn.com.br
Site: www.catolicadorn.com.br

C749a

Congresso Nacional de Ciência e Educação (3. : 2022 : Mossoró, RN).

Anais do III Congresso Nacional de Ciência e Educação [recurso eletrônico] : Razão e Emoção : pela linguagem dos afetos e sensibilização dos conhecimentos / Editora Chefe: Karidja Kalliany Carlos de Freitas Moura. – Mossoró, RN : FCRN, 2022.

Dados eletrônicos (1 arquivo PDF : ca 5,6 Mb)

Evento realizado de 12 a 16 de setembro de 2022.

1. Ciências Sociais - Evento 2. Humanização – Evento. 3. Pesquisa científica – Evento. I. Moura, Karidja Kalliany Carlos de Freitas. IV. Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. IV. Título.

CDD: 300

Bibliotecária: Adriana de L. Teixeira CRB 15/0550

Os conteúdos e as opiniões externadas nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Todos os direitos de publicação e divulgação em língua portuguesa estão reservados à FCRN - Faculdade Católica do Rio Grande do Norte e aos organizadores da obra.



APRESENTAÇÃO DO EVENTO

O III CONCED - Congresso Nacional de Ciência e Educação, abordou, no período de 12 a 16 de setembro de 2022, o tema: "Razão e Emoção: Pela linguagem dos afetos e sensibilização dos conhecimentos". A temática central ressalta a educação a partir da razão e emoção em busca de transformar o homem a partir da apropriação de conhecimentos científicos, com o intuito de perpetuar tais conhecimentos por gerações, a fim de que conheçam técnicas e se apropriem para conduzir cultura e fazer história, no espaço e tempo em que se vive, dentro da comunidade de maneira afetiva

É sabido que a educação é o caminho mais profícuo para o crescimento pessoal e profissional de qualquer pessoa, é por ela e para ela que todos os esforços desse grande evento foram despendidos. O processo de educar ultrapassa os livros e as teorias, vai além daquilo que é escrito e tece para si uma série de conexões, de modo a promover relações e afetos.

O III CONCED, com enfoque na iniciação científica, confirma o nosso desejo de diálogo com outros saberes, considerando que o diálogo é o caminho mais viável para os processos de autoafirmação e reconhecimento das diferenças, elementos essenciais para a convivência em um mundo cada vez mais plural.

Os grupos temáticos deram sustentação ao tema central, promovendo discussões, reflexões e novas formas de pensar, estimular o envolvimento da comunidade discente e docente na pesquisa científica, sendo esta fonte essencial na busca e apreensão de novos conhecimentos, apontando as diretrizes para o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos e científicos apresentados nos artigos deste livro.

Comissão Organizadora

*RESUMOS EXPANDIDOS***A DESCOBERTA DE SI E DO MUNDO NAS CRÔNICAS DE CLARICE
LISPECTOR****Débora Ariane Siqueira Nunes¹****Isabelle Nascimento da Silva Araújo²****Ailton Siqueira de Sousa Fonseca³****Palavras-chave:** Sujeito. Mundo. Autodescoberta. Crônica. Clarice Lispector.**1 INTRODUÇÃO**

Buscando um diálogo transdisciplinar, o presente estudo foi desenvolvido com foco nas crônicas de Clarice Lispector, compiladas nas obras *A Descoberta do Mundo* (1984) e *Para não Esquecer* (1999), considerando ao todo 576 crônicas produzidas pela autora. É nesta compilação peculiar que Clarice reúne uma série de abordagens que perpassam não apenas a agudeza das matérias que concernem ao ser humano, mas que discutem os mistérios irrenunciáveis do mundo em que ele vive. A sua escrita, desprovida de qualquer sutileza fingida, permite que as reflexões realizadas ultrapassem o âmbito da compreensão lida, alcançando a compreensão sentida, reconhecida por quem, tal como é, partiu da mesma matéria da qual é feita todas as pessoas. É diante disso que se pode afirmar que a literatura clariceana, indubitavelmente, incorpora a procura pelo sentido maior de ser, de estar e de se fazer presente.

É a literatura que não suporta categorias, pois cresce e transcende pelas áreas emblemáticas da psicanálise, da antropologia, do estudo compenetrado da natureza humana. A partir das leituras realizadas, em diálogo com estudiosos da literatura clariceana, o trabalho em questão tem por objetivo apresentar uma abordagem autêntica da percepção do “eu” inserido

¹ Bolsista PIBIC/CNPq dessa pesquisa PIBIC, discente do curso de História da UERN e membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). E-mail: debyariane310@gmail.com

² Bolsista voluntária dessa pesquisa PIBIC, discente do curso de Direito da UERN e membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). E-mail: isabellenascimento@alu.uern.br

³ Orientador dessa pesquisa, professor/doutor do Departamento de Ciências Sociais e Políticas da UERN, coordenador do Grupo de Estudos do Pensamento Complexo (GECOM/UERN). E-mail: ailtonssfonseca@gmail.com



no mundo que constrói e é construído pelo ser humano. E como tal compreensão nos permite a reconstrução subjetiva da realidade social na qual todos nós vivemos, em especial na contemporaneidade racional e objetiva que também objetifica os sujeitos.

2 METODOLOGIA

De acordo com o conhecimento prévio do objeto aqui tomado para investigação, é possível apontar algumas estratégias metodológicas dessa pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, teórica-reflexiva sobre 576 crônicas de Clarice Lispector reunidas em duas obras, foi necessário, por parte dos pesquisadores, exercitar o método da escuta sensível no sentido de René Barbier (1998). Essa escuta inscreve-se numa constelação de mais três outras escutas: a científica (rigor e fundamentação metodológica/teórica), a poética (leva em conta as dimensões subjetivas, imagísticas e criacionais), a filosófica (considera os valores presentes nas coisas e que atuam sobre o sujeito). Essa escuta funciona como estratégia de percepção e compreensão que requer um trabalho do sujeito sobre si mesmo e em sua relação ao outro. Nas palavras de Barbier, a escuta sensível começa por não interpretar, por suspender qualquer juízo. Ela procura compreender por ‘empatia’, o excedente de sentido que existe na prática ou na situação de pesquisa. Ela aceita deixar-se surpreender pelo desconhecido que sem cessar anima a vida. A escuta sensível contribui para que o sujeito se livre de seus entulhos interiores para entender os objetos, os outros. Ela exige uma abertura do pesquisador diante de seu objeto (1998, p. 168-199). Além desses métodos, foram feitas leituras e fichamentos temáticos de todas as crônicas selecionadas aqui da escritora para essa pesquisa, bem como das teorias e obras científicas que contribuirão para a análise e interpretação do conteúdo pesquisado. Além dessas estratégias, usamos outros procedimentos complementares para a análise das crônicas aqui selecionadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. A DESCOBERTA DO MUNDO

Falar sobre o mundo sempre exigiu de Clarice, no mínimo, uma submissão precisa aos seus mistérios incognoscíveis. Tal qual o ser humano, o mundo não se expõe, não se entrega por métodos superficiais. O mundo, assim como o homem, também é descoberta. Clarice



Lispector era uma grande respeitadora dos mistérios da vida, do cosmos, dessa grande esfera que segura a raça humana no chão. A escritora conseguiu, com notável clareza, realçar tudo o que difere o homem do mundo e uni-los como faces de uma mesma moeda, visto que “o que seria do mundo, do cosmos, se o homem não existisse” (LISPECTOR, 1984 p.317), isto é, o que seria falar sobre o mundo sem usar-se como próprio meio de descoberta, explorando percepções que, através dos mistérios em si, revelassem o mundo? A própria Clarice afirma: “Sou tão misteriosa que não me entendo” (1984, p. 145) enquanto se refere ao mundo como um mistério intacto; um mistério distinto, porém, em essência, tão indecifrável quanto ela mesma.

Apesar de sua preferência por inclarezas, sempre esteve muito claro para Clarice as quão incontornáveis são os enigmas do mundo, principalmente no que diz respeito à sua natureza espantosa. Tal afirmação se encontra na crônica “A descoberta do Mundo”:

Porque o mais surpreendente é que, mesmo depois de saber de tudo, o mistério continuou intacto. Embora eu saiba que de uma planta brota uma flor, continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza. E se continuo até hoje com pudor não é porque ache vergonhoso, é pudor apenas feminino (LISPECTOR, 1984, p.143).

Para Clarice, o mundo não existe desprovido de seu espanto. É esse espanto, portanto, que a leva a crer no mundo, espantando-se de tal forma que seja impossível não notar a sua existência. É possível, em virtude disso, perceber o teor desprendido das crônicas da jornalista, no que diz aos seus próprios róis taxativos, pois esta não se fazia nada além de uma descobridora, ela afirma: “Mas é que não sou escritora. Sou uma pessoa que estava interessada pelo mundo” (1984, p. 120). Era quando escrevia, porém, que Lispector se sentia em maior contato com o mundo, mais se fazendo por ele entendida do que ela o entendia por si só.

Como se daria, no entanto, a descoberta daquilo que não se desvenda, que não se explica e é tão essencialmente indecifrável quanto o próprio homem? Sendo a própria Clarice um meio de descoberta, jamais poderia responder a esta pergunta. Seu núcleo era ela mesma, suas crônicas eram uma reação a eventos inexplicáveis que só lhe ocorriam no íntimo. Um grito. E seu interesse era unicamente o de gritar cada vez mais alto. Por isso não lhe importava o mundo ser indefinido, ao passo que nunca buscou definir o mundo. A escrita lhe era, propriamente, uma forma de entregar-se ao mundo, abrigando os seus mistérios:



Vamos falar a verdade: isto aqui não é crônica coisa nenhuma. Isto é apenas. Não entra em gênero. Gêneros não me interessam mais. Interessa-me o mistério. Preciso ter um ritual para o mistério? Acho que sim. Para me prender à matemática das coisas. No entanto, já estou de algum modo presa à terra: sou uma filha da natureza: quero pegar, sentir, tocar, ser. E tudo isso já faz parte de um todo, de um mistério. Sou uma só. Antes havia uma diferença entre escrever e eu (ou não havia? não sei). Agora mais não. Sou um ser. E deixo que você seja. Isso lhe assusta? Creio que sim. Mas vale a pena. Mesmo que doa. Dói só no começo (LISPECTOR, 1984, p. 447).

É quando se refere à “matemática das coisas” que Lispector demonstra seu total desinteresse pelo etiquetamento do mundo. Não quer entender; quer pegar, sentir, tocar, ser. Sua inevitabilidade de ser é o que a faz expressar-se por meio da palavra, já que não se via sendo de outra maneira, se via apenas escrevendo.

2. A DESCOBERTA DE SI

Clarice Lispector: mulher, escritora, mãe; foi tudo, contudo, *era* mais. Incontida, não medida, Clarice Lispector não era capturada por termos ou concretizada em definições, como diria Manuel de Barros, era "água que corre por entre as pedras" (2001, p 32), escapando com leveza enfática da rigidez do mundo. “Eu vou tê-la. É uma espécie de liberdade, sem pedir licença a ninguém” (LISPECTOR, 1984, p.53). Num futuro, talvez o oceano seja mapeado, mas Clarice Lispector parece estar sempre um passo além do desconhecido, e mesmo este, um fiel companheiro.

Descoberta de si com Clarice Lispector é descobrir a si para o mundo, no mundo. Clarice falava de si para contatar os mistérios do mundo, e mergulhou neles para encontrar a si. Quando se fala de descoberta de si com Clarice é interessante, ela está sempre se redescobrimdo e a inconstância parece ser a única constante que a aprisiona. Mas a própria Clarice reconhece nisso o movimento de estar viva. Clarice é, para aproximação na tentativa de apreciá-la, já que a própria não quer definir, — correndo o risco de ser errônea — oceânica. Há serenidade na superfície, mas um mistério indomado em suas profundezas.

Ocorre que, sua negação a rótulos e títulos, não se dá por orgulho ou humildade, mas pela genuína incapacidade de se resumir. Talvez, por conta disso, use com tanta frequência "coisa" uma palavra tão versátil e indefinida quanto as sombras do meio-dia. Clarice não parece, em seus textos, dada a pudores e mentiras, sendo ainda assim recatada. Deste modo, tal recusa a persona que títulos e nomes evocam, parece, puro instinto. Talvez, nenhuma palavra consiga



de fato abarcar sua grandeza, toda ela, quando usada, é feita erroneamente, pois deixa escapar o mistério selvagem que escondia.

Mesmo quando escreve para mulheres, defende que o assunto comum a elas seriam os homens; neste ponto, cai em contradição. Clarice, como mais tarde em suas crônicas coloca, não está atrelada a gêneros, “escritor não tem gênero”. Então, sobre o que escreve Clarice? Parece escrever sobre gente. O que há de humano que a própria humanidade desconhece. Lembra sobre o que o mundo moderno quer fazer esquecido, amor, sonhos, alegrias, mas também tristezas, solidão, dor e finitude. Clarice fala de morte para fazer grandiosa a vida. E como tal, Clarice não pode ser de tudo compreendida, medida ou mesmo datada.

Contudo, sem jamais ser fugaz, é contemporânea, necessária na atualidade porque não está dedicada em resolver os problemas do tempo, mas beber e costurar as feridas do homem, sem nem mesmo lhe ser uma preocupação. “[...]Na verdade sinto-me engajada. Tudo o que escrevo está ligado, pelo menos dentro de mim, à realidade em que vivemos [...]” (1984, p.60). Não apenas escrever, mas a própria arte, não tem propósito. Não precisa ter. Talvez seja isso que faz de nós humanos e essas obras mais próximas do divino. Como Clarice coloca: “Escrever é um dos modos de fracassar. Cristina se surpreendeu, perguntou-me então por que eu escrevia. E eu não soube responder” (1984 p. 60). Escrever é a morte constante que o escritor depende para sobreviver, pintada com a dor de ser. A parte cômica dessa tragédia é que não há escolha, se escreve porque é a única alternativa para viver. Para ser. Tal como pinta Bachelard: “contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer” (BACHELARD, 2018, p.49).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com objetivo de investigar a poética da condição humana na obra da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977) o foco do referido projeto ao universo de suas crônicas. Visto que não apenas demonstram um teor de personalidade nunca demonstrado pela autora em suas outras produções, como manifestam de forma singular a sua obstinação em destrinchar o conteúdo de suas questões mais profundas. Por resultados, eles nos revelam que a descoberta de si e do mundo possuem, respectivamente, dois focos principais: a escrita, sendo inegavelmente o maior instrumento de percepção de Clarice por si mesma; e os outros, os quais abrigam a coisa, esse mistério que a escritora não entende mas abriga, perpetuando o seu contato íntimo com o mundo através de si.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Água e os Sonhos**. São Paulo: WMF Martins Fontes; 3ª edição, 2018.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (Org.). **Multireferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p. 168-199.

BARROS, Manuel de. **Matéria de Poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 32.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.



FACULDADE
CATÓLICA
DO RIO GRANDE DO NORTE